

14 de Novembro de 1.964 - Sábado

Nº 81

A CRÔNICA DA CIDADE

Chegamos e olhamos em nosso derredor.

E vimos aquela multidão também olhando em torno de si mesmo, com que aguardando por alguma coisa.

O locutor berrava aos quatro cantos:

- Vamos entrar que está em cima da hora. Está em cima da hora!

Meio desconfiados, fomos nos aproximando, olhando para os lados e, mais principalmente, para o alto.

Chegamos na bilheteria e tiramos o nosso ingresso.

- Está em cima da hora! Advertia a todo momento o locutor, como que preocupados com a nossa vagareza em ali entrar.

Mas, embora tivéssemos já adquirido o nosso bilhete, ficamos ainda olhando meio desconfiados aquela armação de ferro e madeira, que tinha um aspecto algo engraçado, lembrando em escala bem maior, um enorme caldeirão.

E o locutor, advertindo-nos continuava a gritar:

- Quem já tirou seus ingressos deve entrar pois está em cima da hora. Já vai começar. Está em cima da hora!

E achamos então que éramos nós apenas que estávamos atrasando o espetáculo, e tratamos logo de ir entrando, bem devagar, pois a escada de madeira com degraus estreitos, chegava a assustar...

Chegamos ao alto, entramos e nos instalamos olhando apreensivos para dentro da enorme "caldeira"...

E um arrepio nos correu pela espinha:

- Será que o negócio era sério mesmo?

Lá fora, meia hora após entrarmos, o locutor continuava ameaçadoramente a advertir:

- Está em cima da hora. Vai começar. Está em cima da hora...

E embora estivesse havia tempo "em cima da hora", o fato é que não começava mesmo...

Por fim, um ronco ensurdecedor assustou todo mundo.

E ali entrou o motociclista.

Trajando roupa marron, entrou com a "moto" de ré e já fazendo evoluções e mais evoluções...

E dali a pouco, teve início o espetáculo.

A 2ª "moto" roncava feito não sabemos bem o que, subia e descia as paredes, e o motociclista com uma calma impressionante, levantava-se da moto, acendia cigarro, fazia mil e uma coisas, sem parar um instante e sem desgrudar a moto da parede...

Em alguns momentos a moto chegava até perto da gente, assustando a tudo e a todos.

Alguns não resistiram e deixaram o espetáculo antes do término.

O fato é que não ficou êsse que não gelasse as mãos
e não se apavorasse com o perigo do espetáculo.
E quando terminou o show da Muralha da Morte, saímos
satisfeitos com o espetáculo presenciado, não sem uma
pequena sensação de alívio por termos saído, nós e o
motociclista, ileso, e são e salvos...